

CONTROLE ■ Ações do governo sugerem que Lula quer ampliar presença do Estado na economia

Empresários temem por estatização

Fernando Exman

■ BRASÍLIA. Ações e medidas anunciadas recentemente pelo governo com relação à produção no país acenderam a luz amarela de setores da sociedade. Para empresários e especialistas, a compra da Suzano pela Petrobras, a intenção do ministro das Comunicações, Hélio Costa, de ver a fusão entre a Oi (antiga Telemar) e a Brasil Telecom em uma empresa que dê ao governo ações com poder de voto e veto (*golden shares*) e o fortalecimento do Ministério da Defesa em detrimento da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) dão a impressão de que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva pretende aumentar a presença do Estado na economia.

Embora intrigados, especialistas e oposição ponderam que as intervenções do governo brasileiro no setor produtivo são diferentes das estatizações promovidas em outros países da América do Sul, como Venezuela e Bolívia.

Para o professor da Universidade de Brasília (UnB) David Fleischer ainda não está claro se há de fato uma decisão de governo de estatizar setores da economia. Os próximos passos do Executivo vão depender da repercussão das medidas anunciadas, avalia o especialista.

— Esses movimentos são balões de ensaio. Temos que ver até onde vão — diz Fleischer, que também presta consultoria para companhias estrangeiras que investem no país.

O líder da minoria no Senado,

Demóstenes Torres (DEM-GO), acredita que, se não houver resistência, “o governo tomará conta de tudo”. Ressaltou que a oposição deve reforçar a Comissão de Fiscalização e Controle do Senado para vigiar o Executivo e as agências reguladoras, “praticamente transformadas em órgãos do governo”.

— O governo Lula tem viés estatizante. Quer mostrar de todas as formas que manda — diz.

O líder do governo no Senado, Romero Jucá (PMDB-RR), discorda. Para o senador, o governo garante a livre iniciativa dos empresários,

“Há livre iniciativa. Uma prova disso é o crescimento da indústria”, diz o senador Romero Jucá

mas não abre mão de “exercer a prerrogativa de definir políticas públicas”.

— O governo do presidente Lula tem sido cuidadoso com a economia de mercado. Há livre iniciativa. Uma prova disso é o crescimento da indústria — rebate o parlamentar.

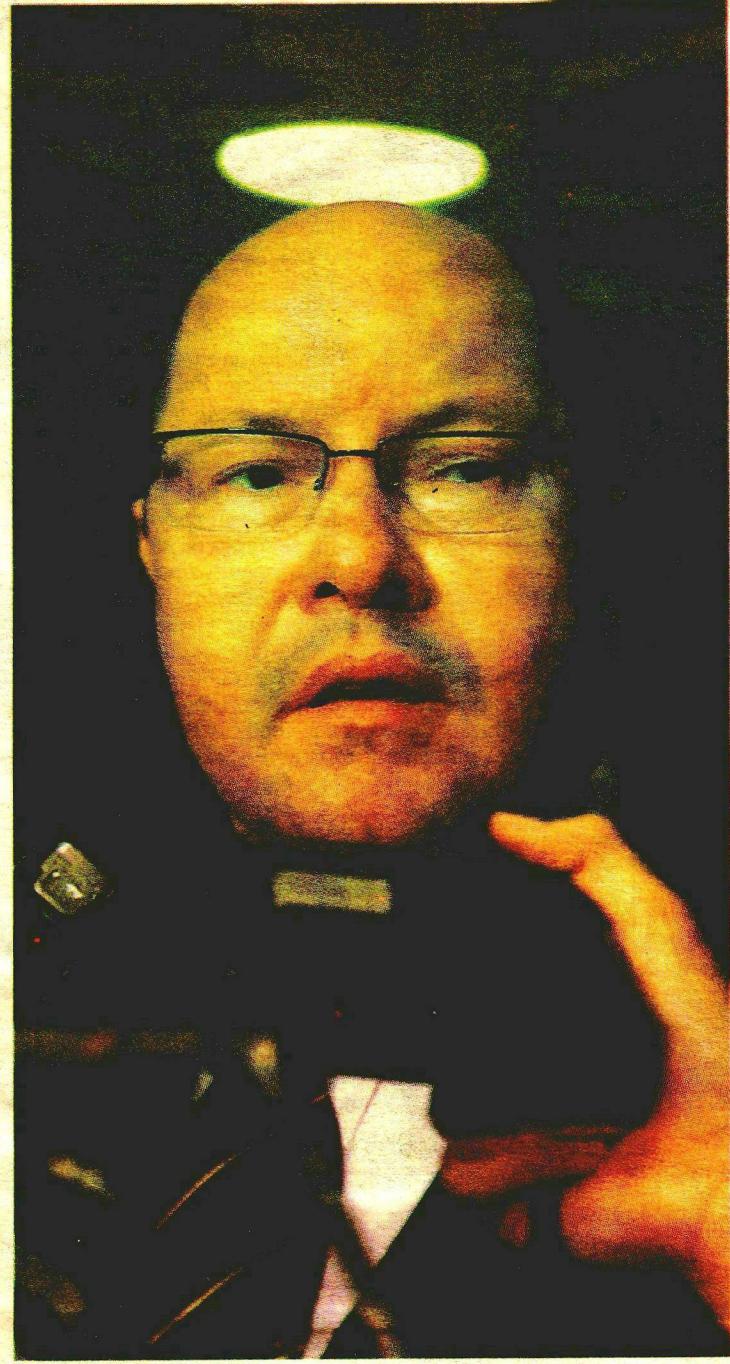
A princípio, o governo obteve o apoio da sociedade e do Congresso para esvaziar o poder da Anac, considerada culpada por parte do apagão aéreo que prejudica o país há 10 meses. O ministro da Defesa, Nelson Jobim, decidiu atropelar a agência com o Conselho de Aviação Civil

(Conac), órgão inicialmente concebido para assessorar o presidente da República. O governo Lula é acusado de enfraquecer as agências reguladoras a fim de garantir maior poder aos ministérios, no entanto, desde 2003.

Criadas para serem autônomas e independentes do Executivo, as agências sofrem de inanição. Não têm recebido dinheiro suficiente para executar suas funções. Levantamento da Associação Contas Abertas demonstra que, dos R\$ 7,3 bilhões autorizados no Orçamento deste ano para as reguladoras, R\$ 3,3 bilhões estão congelados. Nos sete primeiros meses deste ano, foram previstos R\$ 4 bilhões. Mas só R\$ 732,7 milhões foram desembolsados.

O mesmo apoio não foi dado ao governo pelos empresários que atuam nos setores de telecomunicações e petroquímica. O grupo de investidores que detém a maior parte das ações da Oi ameaçou deixar o negócio se o governo obtiver *golden shares* da telefônica, eventualmente formada pela fusão entre a empresa e a Brasil Telecom. A idéia do ministro das Comunicações é impedir com as *golden shares* que a mega empresa seja vendida para investidores estrangeiros. Já os executivos da Braskem criticaram a aquisição da Suzano pela Petrobras, e dizem que o negócio pode levar a uma revisão dos investimentos do setor.

■ Leia e opine no JB Online.
www.jb.com.br/24 horas



Demóstenes diz que, se não houver resistência, governo toma conta